

CUIDADOS PALIATIVOS EM PACIENTES ONCOLÓGICOS CANINOS NA MEDICINA VETERINÁRIA

Maria Clara Gontijo Ribeiro^{1*}, Ana Clara Cordeiro de Paula², Nathallie Mary Caroline Domingos³, Luís Felipe Silva Mesquita⁴
e Lucas Milagres Nogueira⁵

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário UNA – Bom Despacho – Brasil – *Contato: mcgontijo65@gmail.com

²Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário UNA – Bom Despacho – Brasil

³Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário UNA – Bom Despacho – Brasil

⁴Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário UNA – Bom Despacho – Brasil

⁵Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário UNA – Bom Despacho – Brasil

INTRODUÇÃO

Os tumores malignos correspondem a um grupo de doenças marcadas pela proliferação celular que foge do controle do organismo⁹, e são a principal causa de morbidade e mortalidade em cães e gatos geriátricos^{8,9}. Com o aumento da expectativa de vida dos animais de companhia, os tutores têm buscado tratamentos que aumentem a qualidade de vida de seus companheiros⁸. Nesse sentido, os cuidados paliativos passaram a ser incluídos como opções de tratamento, buscando oferecer um maior conforto e qualidade de vida, reduzindo o sofrimento tratando os sinais clínicos que ele apresenta, mesmo que o animal não possa ter a quantidade, tempo de vida, é oferecido a qualidade, princípios de atenção e cuidado ao paciente⁷. O objetivo do presente estudo é abordar sobre os principais conceitos dos cuidados paliativos em cães geriátricos.

MATERIAL E MÉTODOS

Neste resumo de literatura, a busca se deu por materiais bibliográficos encontrados nas bases eletrônicas, como: Google acadêmico, Pubvet, Pubmed, e Scielo. Os descritores utilizados foram tratamentos paliativos em pacientes oncológicos veterinária, oncologia em cães, veterinary palliative treatments, palliative tratmentes in câncer patients, dogs and cats. Foram utilizados artigos da língua portuguesa e inglesa, considerando apenas os trabalhos publicados nos últimos 9 anos, e que abordavam sobre os cuidados com pacientes oncológicos, sendo excluídos todos publicados anteriormente ao ano de 2016 e que não permitiram o acesso na íntegra em base eletrônica.

RESUMO DE TEMA

A carcinogênese é um processo multifásico, caracterizado por alterações genéticas progressivas e cumulativas que conferem às células propriedades malignas. Essas mutações geralmente têm origem em uma única célula, podendo surgir em praticamente qualquer tecido do organismo, e acometem genes fundamentais envolvidos no controle do ciclo celular, na apoptose e no reparo do DNA^{1,2,3}. Como consequência, ocorre um crescimento celular desordenado, com potencial para invasão local e formação de metástases. Embora as causas do câncer ainda não estejam totalmente esclarecidas, reconhece-se que tais mutações podem ser espontâneas ou induzidas por agentes carcinogênicos, como metais pesados, radiações, vírus, inflamações crônicas, radicais livres de oxigênio e xenobióticos, como pesticidas, álcool e tabaco. Esses fatores contribuem para o desequilíbrio entre a proliferação e a morte celular, favorecendo o desenvolvimento tumoral^{2,3}.

Com as mudanças nas estruturas familiares contemporâneas, os animais de estimação passaram a ser reconhecidos como membros das chamadas famílias multiespécies, já admitidas pelo ordenamento jurídico brasileiro³. Nesse contexto, os pets frequentemente assumem um papel simbólico de filhos, sendo fontes significativas de afeto e apoio emocional para seus tutores. Paralelamente, a evolução da medicina preventiva, diagnóstica e terapêutica tem elevado consideravelmente a expectativa de vida de cães e gatos³. Como consequência, observa-se o aumento na incidência de enfermidades crônicas associadas ao envelhecimento, como neoplasias, insuficiências cardíaca e renal, osteoartrites e doenças endócrinas e hepáticas, muitas das quais demandam cuidados paliativos⁴.

Entre essas condições, as neoplasias se destacam como as principais causas de óbito em animais geriátricos, exigindo atenção especial e abordagens clínicas centradas no bem-estar. Estudos longitudinais, como os realizados pelo *Veterinary Medical Database*, demonstram que em 73 das 82 raças caninas avaliadas, o câncer foi a principal causa de morte. Embora a incidência real ainda não seja completamente conhecida, dados de necropsias indicam que aproximadamente 45% dos cães com mais de 10 anos falecem em decorrência de algum tipo de tumor^{4,5,6}.

A partir desse panorama, a introdução dos cuidados paliativos torna-se essencial. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), esses cuidados têm como finalidade promover a qualidade de vida por meio da prevenção e do alívio do sofrimento³. No contexto veterinário, os cuidados paliativos visam não apenas o bem-estar do animal, mas também o acolhimento emocional, social e espiritual dos tutores. Essa abordagem pode ocorrer em dois momentos: o precoce, geralmente iniciado em ambiente clínico; e o tardio, que pode incluir o domicílio do paciente ou estruturas especializadas^{3,4,5}. Fundamentados nos princípios bioéticos de respeito à autonomia, beneficência, não maleficência e justiça, os cuidados paliativos são compreendidos como um amparo compassivo diante de doenças em estágio avançado e sem possibilidade de cura, deslocando o foco terapêutico da cura para o controle sintomático⁶.

Na medicina veterinária, essa modalidade de cuidado é relativamente recente, com registros desde o final da década de 1980. Seu objetivo é otimizar o conforto, minimizar o sofrimento, tratar a dor e monitorar aspectos como comportamento, mobilidade e outros sinais clínicos. Como não existem diretrizes normativas oficiais, associações como a *International Association of Animal Hospice and Palliative Care* (IAAHPC) e a *American Animal Hospital Association* (AAHA) têm elaborado orientações que valorizam a continuidade do cuidado e a comunicação empática com os tutores^{5,6,7}.

A introdução precoce dos cuidados paliativos tem se mostrado eficaz na redução da medicalização excessiva e de intervenções agressivas nos estágios finais da vida. Ao contrário do modelo antigo de transição abrupta entre o cuidado curativo e paliativo, propõe-se uma abordagem progressiva desde o diagnóstico de doenças ameaçadoras à vida, conforme ilustra a Figura 1. Essa estratégia permite um manejo mais eficaz dos sintomas, adaptação do ambiente, planejamento de condutas futuras e suporte emocional aos tutores⁷.

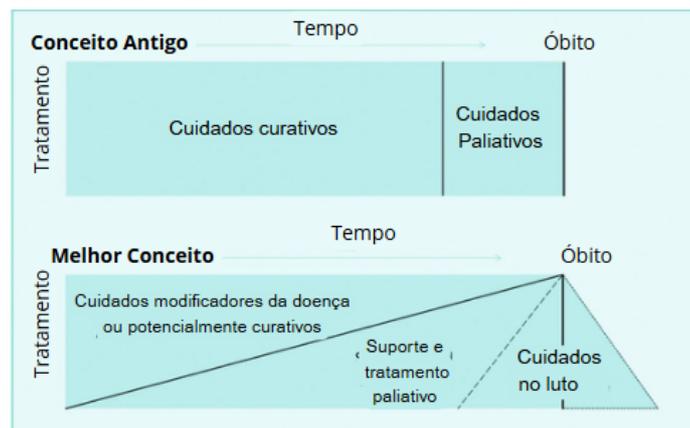
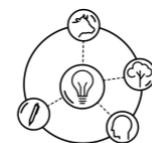


Figura 1: Antigo conceito de cuidados curativos sendo repentinamente substituídos para uma introdução gradual de cuidados paliativos a partir do diagnóstico de qualquer doença com risco de vida.

(Fonte: Murray, 2021).

Entre os sintomas mais prevalentes nos pacientes oncológicos está a dor, presente em cerca de 75% dos casos em estágio avançado. Sua identificação em animais é um desafio clínico, e o manejo inadequado pode comprometer múltiplos sistemas fisiológicos. O tratamento deve ser individualizado, com foco na qualidade de vida, utilizando-se de anti-inflamatórios não esteroidais, opioides e, mais recentemente, canabinóides^{7,8}. Complementarmente, o uso racional de outras classes farmacológicas amplia as possibilidades terapêuticas. Dentre os anti-inflamatórios esteroidais, destaca-se a prednisolona; entre os antihistamínicos, prometazina e cetirizina são amplamente utilizadas. O tramadol é uma opção eficaz para dor moderada a intensa. Adjuvantes

XV Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente



como dipirona, gabapentina, pregabalina, amitriptilina e nortriptilina também são indicados, especialmente em casos de dor neuropática. Em pacientes com sintomas gastrointestinais, antieméticos como ondansetrona (antagonista 5-HT3), antagonistas dopaminérgicos e antagonistas NK1 são recomendados^{8,9}.

Entre as abordagens emergentes, a palmitoiletanolamida (PEA) tem se destacado como substância endógena com propriedades anti-inflamatórias, neuroprotetoras e analgésicas, embora seus mecanismos ainda estejam em estudo. A integração criteriosa de todos esses recursos é essencial para o alívio da dor e a promoção do conforto^{1,9}.

Além das terapias farmacológicas, estratégias não farmacológicas têm ganhado espaço nos cuidados paliativos, oferecendo abordagens complementares para o manejo da dor e do estresse. Técnicas como acupuntura, quiropraxia, massagem terapêutica, fisioterapia, crioterapia e laserterapia têm demonstrado eficácia na melhora da mobilidade, redução de inflamações e estímulo à liberação de substâncias endógenas analgésicas. Essas práticas contribuem não apenas para o alívio dos sintomas físicos, mas também para a melhora do bem-estar geral do paciente, sendo especialmente úteis quando associadas a tratamentos medicamentosos tradicionais^{3,7}.

Um ponto de distinção entre os cuidados paliativos em humanos e animais é a possibilidade legal e ética da eutanásia na medicina veterinária. Enquanto o princípio na medicina humana é "não apressar nem adiar a morte", na medicina veterinária a eutanásia é aceita como meio de cessar o sofrimento de forma humanizada. Cabe ao tutor decidir entre a morte natural ou assistida, desde que baseada em critérios de bem-estar animal. Quando os tratamentos deixam de ser eficazes e a dor torna-se incontrolável, a eutanásia passa a ser eticamente justificável¹⁰.

O papel do médico-veterinário é fundamental nesse processo, atuando com empatia, escuta ativa e comunicação clara. A relação com o tutor exige acolhimento, orientação e planejamento diante dos desafios afetivos, emocionais e financeiros que surgem após o diagnóstico. A decisão por não ressuscitação ou pela eutanásia deve ser discutida com clareza, sempre visando minimizar o sofrimento do animal^{3,7,8}.

Para que a terapia paliativa seja efetiva, recomenda-se o seguimento de etapas como: informar sobre a progressão da doença e opções terapêuticas, identificar os objetivos e expectativas do tutor, elaborar um plano de cuidados personalizado e adaptar o ambiente domiciliar conforme as necessidades do paciente². Com esses cuidados, os animais podem desfrutar de maior conforto no tempo que lhes resta, e os tutores têm a oportunidade de vivenciar o luto de forma mais consciente e acolhedora^{7,8}.

A organização dos cuidados paliativos também pode ser representada de forma hierárquica, como ilustrado pela Pirâmide de Cuidados Hospitalares de Animais (Figura 2), composta por três níveis: físico, social e emocional. A base da pirâmide contempla os cuidados com higiene, nutrição, mobilidade e conforto ambiental. O nível intermediário enfatiza o bem-estar social, prevenindo o isolamento e promovendo interações afetivas. O topo da pirâmide representa o cuidado com a dignidade, com foco em estímulos mentais, atividades lúdicas e detecção precoce de alterações comportamentais¹¹.

compassiva que visa proporcionar conforto, qualidade de vida e apoio emocional durante a fase final da vida do paciente. Promover o bem-estar animal, acolher o sofrimento dos tutores e oferecer suporte integral é uma forma de honrar o vínculo entre humanos e seus animais de estimação^{3,7,9,11}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na medicina veterinária, ainda é desafiador para muitos profissionais e tutores aceitarem que determinados pacientes não terão a cura para suas enfermidades. Contudo, é fundamental compreender que a morte não deve ser vista como o inimigo a ser combatido a qualquer custo. Em muitos casos, o verdadeiro cuidado está em garantir que o paciente tenha conforto, dignidade e qualidade de vida até o fim. Os cuidados paliativos não representam uma desistência, mas sim uma forma ética, compassiva e sensível de conduzir a jornada final do paciente oncológico. Oferecer alívio da dor, apoio emocional e acolhimento ao tutor são práticas que honram o vínculo entre humanos e seus pets. Essa modalidade de cuidado visa não apenas controlar os sintomas físicos e promover o conforto do paciente, mas também acolher fatores emocionais e sociais dos tutores, oferecendo suporte integral em momentos de fragilidade e luto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANGELO, A. L. D.; MAGALHÃES, N. C. S. A. **Cuidados paliativos em animais de companhia: Revisão.** Pubvet, Salvador/Ba, v. 15, n. 5, p. 1-9, mai., 2021.
2. PINTO, Karina Diniz et al. **Animal assisted intervention for oncology and palliative care patients: A systematic review.** Complementary Therapies in Clinical Practice, v. 43, p. 101347, 2021.
3. CARVALHO, P. F. N. B.; FISCHER, M. L. **Os tênues limites entre o direito de viver e o direito de morrer: a perspectiva acadêmica, legal e bioética dos cuidados paliativos em animais de estimação.** Revista de Bioética y Derecho, v. 58, p. 243-269, Dez., 2023.
4. CONNOR, S. R. et al. **Global Atlas of Palliative Care.** Ed. 2, London, World Health Organization, 2020.
5. REPETTI, Claudia Sampaio Fonseca et al. **Palliative care for cancer patients in veterinary medicine.** Veterinárni medicína, v. 68, n. 1, p. 2, 2023.
6. MENINE, N. P. M. **Paliativismo em pacientes oncológicos e o impacto da eutanásia na medicina veterinária.** Pubvet, Porto Alegre/RS, v. 15, n. 9, p. 1-5, set., 2021.
7. MURRAY, SCOTT; AMBLÀS, JORDI. **Palliative care is increasing, but curative care is growing even faster in the last months of life.** The British Journal of General Practice, v. 71, n. 710, p. 410, 2021.
8. DI VIRGILIO, Fabrizio et al. **Practice patterns about the role of palliation in veterinary surgical oncology.** Veterinary and Comparative Oncology, v. 19, n. 4, p. 750-758, 2021.
9. PAZ, B. F. et al. **Practical Principles of Palliative Care in Veterinary Oncology: Alleviating the Suffering of the Animal, Owner, and Veterinarian.** Veterinary Medicine International, Wiley, v. 24, 16 p., jan., 2024.
10. REPETTI, C. S. F. et al. **Palliative care for cancer patients in veterinary medicine.** Veterinárni medicína, v. 68, p. 2-10, Jan., 2023.
11. SANTOS, R. M. **Importância dos cuidados paliativos na medicina veterinária e os fatores que influenciam no bem-estar e na qualidade de vida dos pacientes.** 64f. 2022



Figura 2: Pirâmide de Cuidados Hospitalares de Animais. (Fonte: Santos, 2022).

Apesar dos avanços na medicina veterinária, ainda é desafiador para muitos profissionais e tutores aceitarem a impossibilidade de cura em determinados casos. No entanto, reconhecer que a morte pode ser um processo natural e digno é fundamental. Os cuidados paliativos não representam abandono terapêutico, mas sim uma abordagem ética e